

Quem quer a herança de Merkel?

A gestão doméstica da pandemia de covid-19 valeu a Merkel uma aprovação acima dos 70% na opinião pública alemã.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 22 de setembro de 2021

O próximo domingo marca o fim de uma era. Merkel tornar-se-á matéria de história política. No início da carreira, muitos achavam que não tinha carisma. E poucos que teria futuro político. Ao contrário, tornou-se a primeira mulher chanceler da Alemanha, [venceu quatro eleições e cumpriu quatro mandatos](#). Em 16 anos de poder tornou-se a “mãezinha” da Alemanha, uma força na Europa e uma líder global.

Mas no fim da sua era, que herança política deixa Merkel? Uma herança ambígua e contraditória: entre o idealismo ético e o pragmatismo político, entre os princípios ideológicos e os interesses económicos, entre uma Alemanha europeia e uma Europa alemã. Enfim, entre as crises e as oportunidades perdidas.

Primeiro, a crise do euro. Quando a crise financeira se transforma na Europa na crise das dívidas soberanas e a Grécia entra em dificuldades, Merkel hesita. Mas percebe que a saída da Grécia põe em risco a zona euro e, com ela, todo o projecto europeu. [Contra o seu próprio ministro das Finanças](#) e com a ajuda do BCE, toma a decisão: impõe austeridade, mas evita a saída da Grécia.

O Sul acusa-a de falta de solidariedade, a Alemanha de não cuidar dos seus interesses. Salva o euro, mas deixa a Europa mais fraca e mais dividida. Entre o Norte e o Sul.

Segundo, a crise dos refugiados. Fosse pela herança da sua moral cristã ou pela triste memória do muro, Merkel toma uma decisão histórica: [abre a porta a um milhão de refugiados da guerra civil na Síria](#). Foi um gesto extraordinário. O momento de solidariedade que tinha faltado na crise anterior. Merkel esteve do lado certo da história, mas a onda de refugiados trouxe consigo uma outra onda: de ressentimento, racismo e xenofobia.

Reforçou a extrema-direita na Alemanha e deixou uma vez mais a Europa dividida. Agora, entre o Leste e o Oeste. Por fim, sob a pressão dos acontecimentos sacrifica o ideal e acaba por ceder à construção de outro muro. Longe da Alemanha é certo, mas o acordo com a Turquia não é mais do que isso: um muro entre o Médio Oriente e a UE.

Terceiro, a crise pandémica. O choque foi simétrico e, como todos os países, a Alemanha experimentou dificuldades, mas a gestão doméstica da pandemia valeu a Merkel uma aprovação acima dos 70% da opinião alemã. No plano europeu não perdeu a oportunidade e o plano de recuperação e resiliência aí está para o provar. O princípio da solidariedade prevaleceu sobre o princípio da austeridade. A emissão de

dívida europeia e as transferências a título de subsídios tornaram a Europa mais forte e mais coesa. E Merkel ficará com isso a seu crédito.

Já no que respeita à democracia e ao Estado de Direito teve uma posição ambígua e um uso contido das sanções perante as derivas iliberais da Hungria e da Polónia.

Finalmente, no plano internacional, a herança não é menos contraditória. Começou pela defesa dos ideais da democracia e dos direitos humanos. Terminou temperada pelos interesses da indústria alemã.

Com a Rússia, começou por condenar as intervenções na Geórgia, na Síria e a anexação da Crimeia. Condenou [o envenenamento de Navalny e recebeu-o na Alemanha](#). Mas manteve sempre o diálogo aberto com Putin, administrou as sanções em pequenas doses e nunca usou a arma que verdadeiramente contava: [a suspensão do gasoduto Nordstream 2](#).

Com a China começou por receber o Dalai Lama e condenar as violações dos direitos humanos. Mas fez da China o seu grande parceiro comercial e, quando os aliados europeus baniram a tecnologia 5G, insistiu que era possível usá-la com salvaguardas de segurança.

Mais, quando a China esmagava a oposição em Hong Kong e Biden se preparava para tomar posse, leva a UE a assinar um acordo de investimento com a China. Mas porquê tal ambiguidade e tanta contradição? Porque nunca teve uma visão de longo prazo e uma grande estratégia.

Nos anos de Merkel a Alemanha tornou-se uma potência global, a quarta potência económica e a terceira potência comercial. No plano europeu, o maior contribuinte líquido do orçamento comunitário e o maior beneficiário do mercado interno. Mas o seu poder económico não tem tradução geopolítica. A sua política externa está dividida entre a segurança da NATO, a energia da Rússia e o comércio da China. É este triângulo contraditório que impossibilita uma grande estratégia.

É isso que o futuro exige e é disso que a Alemanha e a Europa precisam. E é por isso que a herança é ambígua e contraditória e será difícil para os herdeiros. Mas ainda assim simpatizo com Merkel e, quem sabe, vamos ter saudades dela.

<https://www.publico.pt/2021/09/22/opiniao/opiniao/quer-heranca-merkel-1978271>